

# Editorial

Os artigos deste número versam sobre amplo espectro de temas, desde aqueles que abordam os limites da Psicologia e sua intersecção com os Direitos Humanos e a Religião, levando a ampliação de nosso campo de reflexão e ação até os de caráter específico, como o que trata da conexão com a Neurologia, que nos permite delimitar melhor os critérios diagnósticos e de tratamento na Neuropsicologia. Além disto, temos artigos que trabalham as questões teóricas, diagnósticas e práticas que auxiliam a fundamentação e trabalho na área clínica.

Assim, no primeiro artigo *Psicologia e Direitos Humanos: cursos e percursos comuns*, Cássia Maria Rosato aborda, de modo histórico, a institucionalização da Psicologia como ciência e profissão no Brasil na década de 1960 assim como a construção do campo dos Direitos Humanos. Revelando a concepção de direitos humanos como algo da contemporaneidade, a autora busca, afinal, evidenciar os pontos de convergência na teoria e na prática das duas áreas.

Também lidando com uma questão atual por outro ângulo, Fernando Genaro Junior escreve *Psicologia Clínica e espiritualidade/religiosidade: interlocução relevante para a prática clínica contemporânea*, onde mostra que fenômenos da pós-modernidade têm gerado novas formas de adoecimento humano que exigem, então, nova abordagem. Adotando a fundamentação winnicottiana e as contribuições de Gilberto Safra, o autor postula a necessidade de considerar a dimensão espiritual, no sentido de questionamento do sentido da existência que emerge do sofrimento humano, destacando a importância ética de manejar tais aspectos na prática clínica.

Por outra vertente do mesmo viés teórico e trabalhando na prática com questões de Direitos Humanos e de ética, podemos ler uma pesquisa clínica de doutorado, o artigo *A constituição do self a partir das relações familiares abusivas: um enfoque winnicottiano* de Paula Orchiucci Miura, Alfredo Naffah Neto, Rui Paixão e Antonio João Leal Redondo. A partir

do relato de análise de uma mulher que sofreu violência intrafamiliar, com múltiplas violações físicas e psicológicas, pode-se estabelecer a hipótese clínica de tratar-se de caso de personalidade *borderline* do tipo *como se*, assentada na constituição de um falso *self* patológico.

Também discutindo uma questão psicopatológica, Thalita Lacerda Nobre escreve *Algumas considerações psicanalíticas a respeito da esquizofrenia*. Baseada em conceitos de Freud e Aulagnier, o artigo aborda as possíveis causas da esquizofrenia e suas manifestações sintomáticas, contribuindo para o estudo da clínica das psicoses.

Também na área da Psicanálise, Franklin Winston Goldgrub constrói uma exposição teórica no artigo *Significado significação sentido*, em que trata da relação entre a teoria do método interpretativo, utilizando especialmente o texto de Freud “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise” e confrontando com os conceitos trazidos por Émile Benveniste, a partir da lingüística de Ferdinand De Saussure.

Por fim, temos o artigo intitulado *Comprometimento cognitivo leve e reabilitação neuropsicológica: uma revisão bibliográfica*, onde Sharon Sanz Simon e Marilda Pierro de Oliveira Ribeiro levantam quinze estudos que mostram os resultados da reabilitação neuropsicológica em idosos com comprometimento cognitivo leve. Conclui-se que houve melhora das funções cognitivas e benefícios funcionais e emocionais, mas que as controvérsias entre os estudos e as limitações metodológicas apontam para a necessidade de outras pesquisas que adotem desenhos experimentais mais controlados, com amostras maiores e mais tempo de acompanhamento dos pacientes.

Para fechar bem a revista, temos a resenha *Contribuições de Piera Aulagnier à Psicanálise*, escrita por Paula Regina Perón que mostra como o livro intitulado *Desejo e Identificação*, organizado por Maria Lúcia Vieira Violante, revela os principais conceitos metapsicológicos de Piera Aulagnier.

Boa leitura!

Rosa Maria Tosta  
editora